

A Fundação da LIT-QI

Em 1982, Moreno fundava a *Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-QI)*, uma organização internacional que buscava reunir o trotskismo ortodoxo, trotskismo conseqüente ou, como ele mesmo afirmava, “os únicos trotskistas organizados (débeis ou fortes, cheios de erros ou acertos em seu passado) que defendem o trotskismo com intransigência”.

Os dois textos que apresentamos a seguir expressam o ponto mais alto da longa luta de Moreno pelo que ele chamava de o “problema dos problemas: o da direção revolucionária mundial.” Nas páginas seguintes apresentamos as *Teses de Fundação da LITe* a principal intervenção de Moreno no Congresso de Fundação da Internacional, em 1982. Podemos dizer que principalmente as Teses sintetizam o pensamento de Moreno em relação à Internacional e, por sua vez, expressam toda sua luta política pela construção de uma direção internacional.

Teses de fundação da LIT-QI

(Conferência de Fundação – 1982)

A necessidade de construir uma direção e uma organização internacionais

I

Com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro, tem início o período de crise e agonia mortal do capitalismo. A revolução proletária não conseguiu até agora terminar com essa agonia. Pelo contrário, os sofrimentos que ela traz ao conjunto da humanidade e em particular à sua parte mais valiosa e criadora, os trabalhadores, não param de crescer. Em sua agonia, o



Parte IV

capitalismo ameaça levar a humanidade para a tumba, junto com ele. Ou, no melhor dos casos, mergulhar a grande maioria dela num poço sem fundo, de barbárie, miséria e degradação. Sem o menor exagero, e fazendo uma análise fria dos últimos acontecimentos deste século, os prognósticos são os piores possíveis caso a revolução socialista mundial não consiga reverter esse processo.

II

Isso significa que a necessidade mais urgente e profunda da humanidade hoje é a *revolução socialista mundial*. Até as necessidades diárias mais elementares e cada vez mais difíceis de satisfazer — como ter um emprego, comida e moradia, além de gozar de liberdades — se resumem nela. Nossa política não parte de uma utopia, nem de uma expressão de desejos, mas de um fato objetivo, absolutamente material: a agonia mortal do capitalismo torna cada vez mais aguda a necessidade da revolução socialista mundial.

III

É essa necessidade objetiva o que determina que esta era de agonia mortal do capitalismo seja, ao mesmo tempo, uma era de revoluções como nunca ocorreu na história. Essas convulsões revolucionárias foram as mais profundas que a humanidade já conheceu. Elas tiveram como principal consequência a expropriação do capitalismo em mais de dez países. No entanto, esses colossais processos revolucionários não conseguiram eliminar a necessidade objetiva da revolução socialista mundial. Pelo contrário, chegamos a uma situação contraditória, paradoxal: o maior triunfo alcançado nesse processo revolucionário — a expropriação do capitalismo em um terço da humanidade e a constituição de mais de uma dezena de estados operários — coloca-se agora na direção contrária desse processo. Na medida em que são dirigidos pelas burocracias, os estados operários nacionais tornaram-se obstáculos no caminho da revolução mundial.

Por um lado, todas as burocracias que dirigem os estados operários, sem exceção — desde Brejnev a Deng Xiao Ping, desde Fidel Castro a Kim Il Sung — sejam quais forem suas “divergências” políticas, concordam com a manutenção do *status quo*, ou seja, a manutenção do capitalismo em escala mundial. São contra-revolucionários sob todos os aspectos, sem nenhuma “dupla natureza”. Usam o poder que têm (graças ao fato de dirigirem estados em que se expropriou o capitalismo) para impedir que o capitalismo seja expropriado no conjunto do planeta. Se isso ocorresse, seus privilégios viriam abaixo.

Por outro lado, as burocracias estão jogando os estados que governam no pântano sem fundo da crise econômica mundial e, no geral, estão tornando esses países cada vez mais dependentes do capital imperialista. A direção burocrática, que antes era um obstáculo relativo para o desenvolvimento das forças produtivas nos estados que dirige, hoje se transformou numa trava absoluta para o desenvolvimento das economias planificadas.

Nesse sentido, a situação de todos os estados operários seguiu, como uma sombra segue o corpo, o caminho da crise capitalista mundial. Essa situação vai desde o estancamento e o marasmo da URSS até as monumentais falências da Polônia, Romênia, Iugoslávia, Coreia do Norte e China. As únicas saídas que a burocracia encontra são, por um lado, a imposição de planos de fome e superexploração, piores do que os das mais bárbaras ditaduras capitalistas, e, por outro, a crescente dependência em relação aos empréstimos e ao mercado capitalista mundial, que estão em vias de transformar muitos estados burocráticos em virtuais semicolônias dos banqueiros imperialistas.

A contra-revolução burocrática na Polônia está tentando neste momento reduzir o proletariado a uma condição de condenado perpetuamente a trabalhos forçados para manter os privilégios da burocracia e, ao mesmo tempo, pagar os bilhões que esta deve aos banqueiros ocidentais. Assim, o trabalhador que vive em uma das maiores conquistas da revolução proletária mundial – um estado operário – se vê, paradoxalmente, reduzido à condição de semi-escravo.

IV

Essa situação, depois de mais de 60 anos em que o mundo entrou na maior era revolucionária de sua história, leva-nos diretamente ao problema dos problemas, o da direção revolucionária mundial.

A maior necessidade material, objetiva, da humanidade, a revolução socialista mundial, tem um correlato subjetivo, uma direção revolucionária mundial. Sem esta, aquela é impossível. Assim, a crise da humanidade se agrava dia após dia, sem solução.

Afirmamos que mais de seis décadas de revoluções e contra-revoluções provam inapelavelmente que com direções burocráticas, sem direção revolucionária internacional, até os maiores triunfos do proletariado, os maiores avanços no caminho da revolução socialista mundial, se transformam em seus contrários, em derrotas catastróficas e em obstáculos no rumo da revolução permanente.

A necessidade absoluta, objetiva, da revolução socialista mundial concretiza-se na necessidade absoluta subjetiva de uma direção revolucionária – não-burocrática – internacional.

V

A Revolução de Outubro de 1917 – com a qual teve início a era de revoluções e contra-revoluções – não só foi a primeira a expropriar o capitalismo, como foi também a única que teve à frente uma direção revolucionária – não-burocrática e/ou pequeno-burguesa. O objetivo da direção formada por Lenin e Trotsky era a revolução socialista mundial, da qual consideravam a Revolução Russa como um simples primeiro capítulo. Por isso, para eles foi a questão fundamental (inclusive antes de tomar o poder na Rússia, quando “todos os internacionalistas do mundo cabiam num sofá”) a



Parte IV

formação de uma direção revolucionária internacional, diante da falência da II Internacional.

A vitória na Rússia permitiu a Lenin e Trotsky fazer, em grande escala, a primeira tentativa de formar um Estado Maior da revolução socialista mundial, a III Internacional.

VI

O fato de que a primeira revolução que expropriou o capitalismo, a Revolução Russa, tenha sido a única até agora que teve uma direção revolucionária internacionalista, não foi um fato casual nem repentino. Foi o ponto mais alto de um longo processo.

Durante o período de “reformas” e de expansão “pacífica” do imperialismo, que precedeu a I Guerra Mundial, ocorreu um grande crescimento da II Internacional. Ela era essencialmente uma federação de partidos adequados para a disputa parlamentar e sindical, mas absolutamente inúteis – e, mais ainda, contra-revolucionários – quando o fim da era das “reformas” exigiu partidos aptos para o combate revolucionário pelo poder.

Mas, contraditoriamente, nesse marco, pelas condições particulares da Rússia (que não eram reformistas, mas revolucionárias, quer dizer, antecipavam nacionalmente o que depois seriam as características gerais mundiais), foi se desenvolvendo um novo tipo de partido e de direção, o bolchevique. Um partido revolucionário de combate e uma direção revolucionária internacionalista.

O processo nacional e internacional que produziria a direção que tomou o poder em Outubro e fundou a Terceira Internacional foi uma complexa e trabalhosa elaboração que demorou cerca de meio século. Nela se resumiu uma vasta e longa experiência nacional e internacional: desde a Comuna de Paris e a posterior reorganização do movimento operário europeu (II Internacional) até as tentativas dos revolucionários pré-marxistas da Rússia, como os populistas. Mas entre tudo isso, o decisivo foi que essa direção tinha passado por revoluções. Parece óbvio, mas é necessário dizê-lo, porque freqüentemente se esquece: sem revoluções é impossível que se formem direções revolucionárias. Da mesma maneira que é impossível formar grandes dirigentes sindicais sem que haja grandes greves e sindicatos, não se pode formar uma grande direção revolucionária sem décadas de aprendizado e sem que ela passe por grandes convulsões revolucionárias. Dito de outra maneira, sem a luta heróica, mas equivocada, dos populistas, sem a construção dos grandes partidos socialistas da II Internacional, e, principalmente, sem 1905 e sem fevereiro de 1917, não teria existido a direção da Revolução de Outubro e da III Internacional.

Essa é, em nossa opinião, uma das principais conclusões que devemos extrair ao analisar o processo que deu origem ao primeiro ensaio de direção revolucionária internacional.

VII

Essa longa pré-história do processo de formação de uma direção revolucionária nacional e internacionalista deu um salto qualitativo com a III In-

ternacional. Começava-se a resolver a questão chave da revolução socialista mundial, a constituição de seu Estado Maior.

Mas a burocratização do estado e do partido soviéticos levou à liquidação da direção bolchevique e, em consequência, à degeneração da III Internacional. À crise do partido bolchevique seguiu-se, quase que simultaneamente, a crise da III Internacional. Não houve, entre seus partidos nacionais, nenhum que fosse capaz de cumprir o papel que os bolcheviques tinham cumprido em relação à II Internacional. Nenhuma das direções nacionais não-russas se opôs, eficaz e conseqüentemente, a Stalin. O mais forte e “revolucionário” de todos eles, o Partido Comunista Alemão, foi o que desabou com maior estardalhaço. Sua falência, devido à traição de sua direção perante o hitlerismo, foi não apenas a pior derrota da história do proletariado mundial, como passou o atestado de óbito à III Internacional como organização revolucionária. Termina assim, em 1933, seu processo de degeneração.

Nesse momento, a degeneração já era irreversível: ficava definitivamente encerrada toda esperança de recuperar a IC por meio de um grande triunfo revolucionário de algum de seus partidos nacionais, bem como a possibilidade de que algum deles assumisse a tarefa de ser o pilar de uma nova direção revolucionária internacional, rompendo com o Kremlin.

A III Internacional tinha sido a mais forte tentativa de construir uma direção revolucionária internacional. Desde o seu fracasso, esse problema decisivo encontra-se sem solução.

VIII

Foi nesse momento que Trotsky chegou àquela que seria sua maior obsessão: uma nova direção internacional. Ou existe partido mundial ou será impossível desenvolver sequer direções revolucionárias nacionais e grandes partidos operários revolucionários capazes de tomar o poder. Para Trotsky, o problema da direção internacional passava a ser o primeiro elo da dialética nacional-internacional.

IX

A IV Internacional deu seus primeiros passos, em vida de Trotsky, em meio às mais cruéis derrotas do proletariado e da revolução mundial, quando chegou ao máximo a etapa contra-revolucionária iniciada com o fracasso da revolução alemã (1918-23) e que culminaria na II Guerra Mundial. Os fenômenos simétricos do stalinismo e do fascismo aniquilaram fisicamente ou corromperam e desmoralizaram a vanguarda operária e revolucionária no mundo todo. Uma geração inteira de lutadores foi praticamente dizimada.

Trotsky começou então a segunda tentativa de formar uma direção revolucionária internacional, em condições diametralmente opostas à primeira. Enquanto a III tinha sido iluminada pelo maior triunfo da revolução mundial, a IV o foi pelas suas piores derrotas. Nascia, portanto, extremamente frágil, nadando contra a corrente.



Parte IV

No entanto, é necessário precisar que nesses momentos sua fragilidade era relativa e não absoluta, como seria depois da morte de Trotsky. Tinha um elemento muito forte a favor, a sua direção, Trotsky. A IV Internacional contava, em seus primeiros passos, com uma direção que havia passado pela experiência revolucionária mais vasta e completa da história. Trotsky esteve entre os que encabeçaram a revolução de 1905 e junto com Lenin formou a direção que tomou o poder em 1917 e fundou e dirigiu a III Internacional.

Mas essa cabeça de gigante, com a qual a IV nascia, ia unida a um corpo de anão. As seções refletiam a situação geral de retrocesso. Com exceção da equipe de Cannon, do SWP e de Sneeveliet, da Holanda, nenhuma tinha quadros experientes no movimento operário. Eram direções muito débeis, compostas geralmente de intelectuais marginais, estranhos à classe operária.

Assim, quase nenhuma das orientações fundamentais dadas pela direção internacional foram aplicadas, ou bem aplicadas. Perderam-se, com isso, algumas oportunidades extraordinárias. Embora a etapa fosse de reação generalizada, ocorreram grandes lutas defensivas que se transformaram em lutas revolucionárias, como por exemplo as da Espanha e da França em 1936. Sobre tudo na Espanha, a oportunidade que existiu para a IV Internacional desde o biênio sombrio até a revolução de 36 foi realmente única. Mas a direção de Nin – com sua política diametralmente oposta à aconselhada por Trotsky – liquidou tudo. A França sofreu o desastre de duas direções igualmente incapazes.

Em suma, apesar da força da direção internacional que tínhamos herdado do partido bolchevique e da III, continuávamos nadando contra a corrente: a pavorosa inexperiência e marginalidade das direções nacionais refletiam esse fato.

X

O assassinato de Trotsky em 1940 foi o maior golpe sofrido pela IV Internacional. Teve conseqüências qualitativas, porque perdeu sua direção provada. Nunca se insistirá o suficiente sobre a importância decisiva que teve o assassinato de Trotsky para o processo de formação de uma direção revolucionária internacional. A desesperada obsessão de Stalin por assassiná-lo não era uma simples vingança, mas um frio e exato cálculo político: enquanto Trotsky vivesse, a direção bolchevique continuaria vivendo.

O retrocesso com a morte de Trotsky foi qualitativo para a IV. Se ele contribuía com meio século de experiência nos principais postos de comando da revolução mundial, sua ausência significou para a IV meio século de retrocesso. Após seu assassinato, a IV recomeçou, mas quase do zero. Sua debilidade relativa transformava-se em debilidade absoluta. De uma organização internacional extremamente frágil, com uma direção colossal, a IV passava a ser extremamente frágil em todos os níveis, da direção à base.

Essa derrota foi ainda mais trágica porque ocorreu às vésperas de que – com a derrota dos exércitos nazi-fascistas na Rússia – se invertesse a tendência histórica, e se iniciasse uma nova etapa revolucionária. A corrente se tornaria favorável, não contrária.

Se Trotsky tivesse podido continuar sua atividade dirigente por apenas mais uma dezena de anos, isso teria significado, por exemplo, o desenvolvimento do POR boliviano e sua intervenção na Revolução de 52 sob sua direção, e não de Pablo, que vendeu a maior oportunidade revolucionária que a IV teve no pós-guerra. Esse único fato teria bastado – acreditamos – para mudar o curso da história e também o processo de formação de uma direção internacional.

XI

No curso da II Guerra Mundial, inverteu-se a tendência: abriu-se uma nova etapa revolucionária. A força do ascenso revolucionário era tão grande que criou condições mais que suficientes para ferir de morte o capitalismo mundial, já que a revolução estava na ordem do dia nos principais países da Europa continental. Mas o imperialismo conseguiu adiar o cumprimento de sua sentença de morte. Assinou, com a burocracia do Kremlin, os acordos contra-revolucionários de Yalta e Potsdam, e pôs um freio na revolução européia.

Mas essa vitória contra-revolucionária não foi gratuita para o imperialismo. Conseguiu salvar o essencial, mas às custas de perdas de grande magnitude: Europa do Leste e China.

A primeira onda da nova etapa revolucionária deixou, então, como subproduto, a formação de novos estados operários.

XII

A onda gerada pela I Guerra Mundial encontrou uma direção revolucionária internacionalista forte na Rússia e débil ou praticamente inexistente em outros países. Por isso, apenas na Rússia a onda de “revoluções de Fevereiro” que incendiava quase toda a Europa desembocou na “revolução de Outubro”.

Na Rússia, da revolução proletária inconsciente passou-se à revolução proletária consciente. Da revolução proletária que entrega sua direção e, eventualmente, o governo, a direções burocráticas e/ou pequeno-burguesas, passou-se à revolução proletária conduzida por uma direção revolucionária internacional. As “revoluções de Fevereiro” da Alemanha, Itália, Áustria-Hungria, os Bálcãs e o ex-império turco desembocaram na reconstrução ou no reforço do estado burguês.

O ascenso iniciado após a II Guerra Mundial, ao contrário, não encontrou e não tem encontrado até agora direções revolucionárias internacionais fortes em nenhum país, sem exceção. Por isso, não se repetiu, até agora, nenhuma “revolução de Outubro”. Quer dizer, não ocorreu nenhuma revolução proletária vitoriosa ou derrotada que tenha sido encabeçada por uma direção revolucionária internacional, como foi a bolchevique.

Nessa segunda etapa revolucionária ocorreram e continuam ocorrendo inúmeras “revoluções de Fevereiro” em todos os continentes e em uma quan-



Parte IV

tidade mil vezes mais ampla que a explosão que se seguiu à I Guerra Mundial. A imensa maioria dessas “revoluções de Fevereiro” ou “processos revolucionários de Fevereiro” seguiram o caminho clássico: a uma determinada altura, a direção burocrática e/ou pequeno-burguesa consegue pôr um freio antes que o impulso revolucionário e a extrema polarização da luta de classes rompam os limites de classe e levem à expropriação da burguesia. Nesses casos, que são, insistimos, a enorme maioria, o estado burguês finalmente se reconstrói ou recobra uma relativa estabilidade.

Mas a história posterior à II Guerra Mundial haveria de apresentar um fato novo que não tinha ocorrido na etapa anterior, embora tenha sido previsto em abstrato por Trotsky, o das “revoluções de Fevereiro”, quer dizer, revoluções proletárias dirigidas por direções burocráticas ou pequeno-burguesas, que, por uma combinação excepcional de fatores objetivos, passam os limites de classe e chegam a expropriar o capitalismo nos marcos do seu estado nacional e dão origem a estados operários burocráticos desde o seu nascimento.

Consideramos como tais as revoluções da Iugoslávia, China, Cuba e Vietnã. Da mesma forma caracterizamos como “revoluções de Fevereiro *sui generis*” os processos que levaram à expropriação do capital no restante da Europa do Leste, pela presença do Exército Vermelho.

Nos detivemos na definição precisa desta questão porque, como veremos, é de uma importância capital para compreender as dificuldades pelas quais passou a luta pela formação de uma direção revolucionária internacional.

XIII

Em resumo, o curso da história teve um desenvolvimento extremamente desigual. Entramos no maior ascenso revolucionário, posterior à II Guerra Mundial, sem direção revolucionária internacional e também sem direções nacionais verdadeiramente revolucionárias, quer dizer, internacionalistas.

Contra o prognóstico de Trotsky, a inversão do curso histórico – de contra-revolucionário a revolucionário – não significou automaticamente que o único vestígio de direção revolucionária internacional existente, a IV Internacional, se fortalecesse na mesma medida.

Mais ainda, devemos dizer que hoje, quarenta anos depois da morte de Trotsky, experimentamos um crescimento inegável, mas continuamos a anos-luz desse objetivo. E isso se deu numa situação em que a necessidade de uma direção revolucionária internacional não diminuiu, ao contrário, aumenta cada vez mais, tanto pelas condições revolucionárias objetivas como pelo fracasso irremediável das direções burocráticas.

Acreditamos que há uma primeira explicação de tipo objetivo. Que, também ao contrário das previsões de Trotsky, a entrada em uma nova etapa revolucionária não significou automaticamente a falência dos aparatos. O ritmo da crise dos aparatos foi mais lento que o ritmo do ascenso revolucionário. Essa desigualdade foi exacerbada por um fato de importância decisiva: as “revoluções de Fevereiro” que expropriaram o capitalismo em alguns países, quer dizer, os novos estados operários burocráticos.

Detalhemos isto brevemente. Nos primeiros anos posteriores à II Guerra Mundial, os aparatos burocráticos dependentes do Kremlin não se enfraqueceram, ao contrário, se fortaleceram (ao mesmo tempo em que se iniciava sua crise).

Houve, em primeiro lugar, um fato objetivo que os fortaleceu: a guerra mundial e a forma como foi conduzida por todos os imperialismos e a burocracia russa produziram o extermínio físico dos setores mais fortes do proletariado europeu, o russo e o alemão.

Em segundo lugar, no restante dos países, milhões de trabalhadores e ativistas que caminhavam em direção à revolução, quer dizer, objetivamente em direção ao trotskismo, viam a URSS como a vencedora do fascismo e logo depois a expropriação do capital na Europa oriental e a revolução chinesa. Esses triunfos da revolução mundial foram, equivocadamente, atribuídos a Stalin. Assim, centenas de milhares de lutadores operários, em especial os da Europa ocidental, terminaram nos partidos stalinistas.

Logo depois, começou a crise do Kremlin. Na década de 50, primeiro em Berlim Oriental (1953) e logo depois na Polônia e na Hungria (1955-56), começaram as primeiras lutas dos trabalhadores contra a opressão burocrática nos estados operários. A resposta da burocracia foi a repressão e a invasão da Hungria pelo Exército Vermelho. Esse processo de revolução política, antiburocrática, vem se desenvolvendo desde então (apesar da invasão da Tchecoslováquia em 1968) e se fortaleceu ainda mais na década de 80 com a mobilização antiburocrática dos trabalhadores poloneses que, ao contrário dos casos anteriores, não foram derrotados ainda, já que o processo segue seu curso apesar do golpe reacionário de Jaruzelsky. No entanto, a luta antiburocrática não deu para limpar imediatamente o terreno. Apareceram na década de 60 dois novos obstáculos: o maoísmo e o castrismo. As novas gerações da vanguarda operária e estudantil já repudiavam os velhos partidos comunistas. Mas o ímã mais poderoso não foi o trotskismo, e sim o maoísmo e o castrismo, direções de fortes “revoluções de Fevereiro” que pareciam levantar uma bandeira revolucionária em contraposição aos desprestigiados partidos comunistas. Uma nova geração de ativistas radicalizados na América e na Europa girou massivamente para o guerrilheirismo castrista ou maoísta, ou ao centrismo ultra-esquerdista em geral.

A estes obstáculos internacionais se somaram os movimentos nacionalistas burgueses ou pequeno-burgueses que nasceram ou floresceram depois da II Guerra Mundial: o peronismo na Argentina, o MNR na Bolívia, o nasserismo em muitos países árabes, o MNA e depois a FNL na Argélia, etc. Só recentemente essa situação vem sofrendo uma mudança qualitativa. A revolução política e a crise geral dos aparatos estão chegando a um ponto em que, agora sim, podemos dizer que temos o caminho pela frente completamente aberto.

Todas as direções burocráticas estão num processo de desprestígio vertiginoso, assim como a grande maioria dos movimentos nacionalistas. Hoje, o maoísmo é incapaz de exercer atração sobre qualquer corrente radicalizada



Parte IV

de ativistas. Com exceção da América Central, acontece o mesmo com o castrismo em todo o mundo. A Polônia será mortal tanto para ele como para qualquer outra corrente disfarçada de “revolucionária” e ligada ao Kremlin. Por outro lado, não é difícil comprovar que o peronismo, o “aprismo” e a maioria dos movimentos nacionalistas não são nem a sombra do que foram há 30 anos.

Devemos ser categóricos, porque, para nós, esta é a característica mais importante da atual situação mundial: as barreiras burocráticas entre o trotskismo e as massas estão caindo. As massas acreditam cada vez menos nas suas velhas direções. As novas gerações de ativistas operários e estudantis sentem repulsa pelos aparatos burocráticos.

XIV

As grandes dificuldades e atrasos no processo de formação de uma direção revolucionária internacional incluem também causas profundas de tipo subjetivo. A IV Internacional ficou sem direção após a morte de Trotsky. A reconstituição de uma direção teve início com base em direções nacionais extremamente débeis e inexperientes. Por outro lado, já vimos como a história da formação da equipe bolchevique e da III Internacional demonstra que o processo de forjar uma direção revolucionária internacionalista é longo e difícil, exige décadas de aprendizado, de experiências, erros e acertos e, especialmente, de que se possa intervir a fundo nas grandes batalhas do movimento operário e de massas, nos processos revolucionários e contra-revolucionários. Estamos diante da tarefa mais difícil que tem o movimento operário mundial e, talvez, de toda a humanidade.

O contrário, a constituição mais ou menos rápida, a curto ou médio prazo, de uma forte direção revolucionária internacional depois da II Guerra Mundial, teria sido um milagre. E hoje, em política, não ocorrem milagres. Eles acabaram na Idade Média.

XV

Mas é preciso aprofundar o tema das causas subjetivas que fizeram do processo de formação de uma direção revolucionária internacional uma marcha longa e difícil. Falar simplesmente em “debilidades” e “erros” é limitar-se a caracterizações abstratas. A principal “debilidade” e o grande “erro”, afirmamos, têm nome e sobrenome: chama-se revisionismo.

No curso dessa longa marcha, cada grande acontecimento da luta de classes (sobretudo cada grande triunfo revolucionário de dimensões mundiais) provocou, em algum setor de nosso movimento, uma tendência à adaptação à direção burocrática ou nacionalista desse triunfo.

A luta pela construção de uma direção revolucionária internacional (como também de direções revolucionárias nacionais) pressupõe a luta pela destruição de todas as direções burocráticas ou nacionalistas que competem conosco no seio das massas. O processo de construção de uma direção revolucionária significa ao mesmo tempo uma “guerra implacável” (como diz corretamen-

te o Programa de Transição) contra toda corrente burocrática e/ou pequeno burguesa do movimento de massas.

Isto é o que o revisionismo não faz. As diversas tendências revisionistas que existiram em nosso movimento têm uma característica comum: não defendem a “guerra implacável”, mas algum tipo de bloco com alguma tendência burocrática e/ou nacionalista porque esta, supostamente, cumpre um papel progressivo e até mesmo revolucionário.

Essas adaptações podem variar de tamanho, cor ou forma. O que não muda são suas conseqüências: são liquidacionistas. Afirmamos que foram o principal obstáculo subjetivo na longa marcha para a construção de uma direção revolucionária internacional.

Essa longa marcha foi atravessada por divisões e fusões entre correntes que expressaram em cada conjuntura posições revisionistas ou principistas. Tampouco nisso somos originais: o processo que desembocou na formação da direção bolchevique e da III Internacional se deu também por meio de uma série de separações e reagrupamentos.

XVI

A combinação dos elementos objetivos e subjetivos que assinalamos permitem fazer uma breve caracterização das etapas percorridas nesta longa marcha. Depois da II Guerra Mundial, a IV Internacional reconstituiu uma equipe de direção internacional, encabeçada por Michel Pablo. Essa equipe formou-se com elementos provenientes das débeis e inexperientes direções nacionais, mas sua constituição significou um enorme avanço em comparação com a situação anterior, de dispersão. Os setores ou grupos que ficaram por fora dessa direção internacional simplesmente desapareceram.

A direção de Pablo teve o mérito de começar a dar resposta aos fenômenos originais, como o dos novos estados operários, e, sobretudo, tentou tirar da marginalidade os pequeníssimos grupos trotskistas, empurrando-os ao trabalho no movimento operário e de massas.

Mas o ascenso revolucionário posterior à guerra não levou a burocracia stalinista à falência automática. Pelo contrário. Conjunturalmente, seus aparatos se fortaleceram, ao mesmo tempo em que começou sua crise. A este obstáculo imenso que se erguia entre o trotskismo e as massas e seus ativistas somou-se um obstáculo a mais: os grandes movimentos nacionalistas das colônias e semicolônias que se desenvolviam com força.

Essas enormes dificuldades objetivas combinaram-se com outra, subjetiva. Pablo desenvolveu uma adaptação revisionista ao stalinismo e aos movimentos nacionalistas. A equipe de direção pablista estava profundamente impressionada com a formação dos novos estados operários, fruto das “revoluções de Fevereiro”, que chegaram a expropriar o capital, e pelo potente florescimento dos movimentos nacionalistas.

Afirmamos que sem essa adaptação revisionista, a IV Internacional teria progredido rapidamente nos anos 50. Embora em quase todos os países o caminho em direção às massas estivesse ainda muito obstruído pelos apar-



Parte IV

tos, e na Europa e nos EUA começavam duas décadas de boom e paz social, havia situações excepcionais, como a da Bolívia, em que o trotskismo já era uma corrente do movimento de massas. O revisionismo de Pablo levou à traição e frustração da revolução boliviana de 1952 e à perda da maior oportunidade que a IV já teve. Mesmo que a revolução boliviana tivesse sido derrotada, uma política principista e não de adaptação ao governo do MNR teria feito do trotskismo a opção revolucionária de toda a vanguarda latino-americana.

Diante dos descabros do Secretariado Internacional pablista, a constituição do Comitê Internacional (com o SWP, Healy e o trotskismo ortodoxo latino-americano) marcou outra etapa de saldo, ao mesmo tempo positivo e contraditório. Nem o SWP, nem Healy, nem Lambert estavam a favor da construção de uma direção internacional com centralismo democrático. Para eles, o Comitê Internacional não devia passar de uma federação de partidos nacionais. Era um revisionismo organizativo que, em longo prazo, teria um significado político. De imediato, significava que não se daria uma batalha séria para terminar com o revisionismo pablista que tinha entrado em crise.

Mas, contraditoriamente, o marco do Comitê Internacional permitiu um novo ensaio de direção internacional, embora só em escala latino-americana, o SLATO (Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo). Recordemos apenas um fato: foi no SLATO que se elaborou a política que desembocaria no movimento camponês de Hugo Blanco. Apesar de o movimento ter terminado numa derrota, e apesar de todas as tremendas debilidades político-organizativas do trotskismo peruano, esta é hoje uma corrente do movimento de massas. Este avanço não teria ocorrido sem o SLATO.

A existência e funcionamento dessa modesta direção internacional regional é também um elemento essencial para explicar o peso do trotskismo na Argentina. Sem a referência a uma direção internacional principista, o trotskismo argentino e de todo o Cone Sul teria morrido nas mãos do louco Posadas, ou seria sido engolido pelos movimentos nacionalistas, como ocorreu com Abelardo Ramos na Argentina ou Moller na Bolívia.

A reunificação de 1963, afirmamos, foi outro grande avanço contraditório. Foi feita para dar uma resposta principista ao fato mais importante da luta de classes naquele momento: a revolução cubana. Contra a posição antidefensista de Healy e Lambert, definiu-se corretamente Cuba como um estado operário, e, como tarefa central do trotskismo em todo o mundo, a luta em sua defesa, contra os ataques do imperialismo americano. Outra conclusão foi a de que a revolução cubana significava um golpe terrível para os aparatos dos partidos comunistas pró-Moscou. A revolução daria origem a uma imensa vanguarda revolucionária, que romperia com os partidos tradicionais.

Graças a esse acordo, começamos a capitalizar o ascenso de maio de 68 na França e em todo o mundo. Aproveitar essa oportunidade determinou a criação da LCR como primeiro partido trotskista com mais de mil militantes, assim como um crescimento notável em todos os países. Em troca, não foi casual que a organização de Lambert, que não entrou na reunificação,

perdesse completamente o ônibus do maio francês. Sua evolução final, junto com Healy, à condição de seita nacional, parece-nos também que prova, pela negativa, o que dissemos.

Mas, ao mesmo tempo, a reunificação de 1963 realizou-se de forma absolutamente burocrática, por meio de um acordo por cima entre o SWP, a ala de Mandel e do pablismo em decomposição. Não se faz o menor balanço do que tinha significado o revisionismo pablista. Assim, lançaram-se as bases de uma nova adaptação revisionista. Dessa vez, ao castrismo e, secundariamente, ao maoísmo.

Estávamos diante de um novo fenômeno: a revolução cubana e a ruptura do maoísmo com o Kremlin os convertiam em fortíssimos pólos de atração para uma imensa vanguarda operária estudantil que já repudiava os partidos comunistas dependentes de Moscou. O Secretariado Unificado capitulava diante desse fenômeno.

As adaptações revisionistas do SU foram se transformando na sua segunda natureza, sepultando seus acertos iniciais. A capitulação ao castrismo foi e continua sendo sua principal obsessão. Mas isso não impediu que desenvolvesse um revisionismo multifacial e versátil, que capitula diante de qualquer fenômeno político de impacto, seja o MFA na revolução portuguesa, seja o eurocomunismo. O SU e sua seção francesa, a LCR, impressionados com o triunfo eleitoral da social-democracia francesa, disputam com Pierre Lambert o papel de primeiro lacaios “trotskista” de Mitterrand.

O revisionismo pró-castrista do SU foi tão liquidador como o de Pablo. Na sua etapa guerrilheirista, levou ao desaparecimento de seções inteiras, como o PRT-ERP da Argentina e o POR (C) da Bolívia, com o extermínio de centenas de quadros.

O revisionismo mandelista bateu novos recordes com a revolução nicaragüense. Da mesma maneira que Pablo, na Bolívia, em relação ao governo de Paz Estenssoro, o SU subordinou-se totalmente ao Governo de Reconstrução Nacional de Robelo, Violeta Chamorro e da FSLN. Sua subordinação chegou ao extremo de proibir, especialmente na Nicarágua e na América Central em geral, a construção de partidos trotskistas. Por isso, chegou também a aplaudir os governos da Nicarágua e do Panamá quando prendiam e torturavam os trotskistas que pretendiam construí-los. Isso levou à explosão do SU.

Mas, diante desse processo de adaptação revisionista do SU, ocorreu outro processo: o desenvolvimento de correntes principistas e ortodoxas. Enquanto o SU, depois de seus avanços nos anos 60, desembocou numa situação de estagnação e retrocesso, a corrente ortodoxa, ao contrário, foi a que teve um desenvolvimento mais dinâmico nos anos 70. É que essa corrente, em última instância, foi a que melhor aproveitou o processo de crise dos aparatos burocráticos e dos movimentos nacionalistas, já que os combate inflexivelmente, enquanto que o SU só sabe adaptar-se a eles.

A formação da TLT-FLT entre o PST (A) e o SWP foi um primeiro passo importante. Isso levou a formação de um forte partido trotskista na

Parte IV

Argentina, o segundo no mundo a superar os mil militantes. Esse desenvolvimento não se interrompeu, prosseguindo até a ruptura do SWP. Afirmamos que nenhuma outra tendência trotskista teve um ritmo de desenvolvimento igual em apenas 5 ou 6 anos. Alguns exemplos: a captação do Bloco Socialista e a formação do PST colombiano; a CS no Brasil (que começou com quatro militantes em 1974); o desenvolvimento na América Central; a intervenção na Nicarágua, com a Brigada Simón Bolívar; o atual crescimento nos EUA; o PST espanhol; a reconstrução do trotskismo no Chile e outros.

Não foi, claro, uma marcha triunfal, mas um processo marcado por todo tipo de erros e crises, de dimensões respeitáveis. Mas não podemos perder de vista que foi uma marcha ascendente.

Foi esse processo da Fração Bolchevique (FB) que determinou o realinhamento de todo o movimento trotskista em 1979.

XVII

A revolução na Nicarágua, a intervenção da Brigada Simón Bolívar e a capitulação total do SU ao castrismo e ao sandinismo provocaram a explosão do SU em 1979, e determinaram um realinhamento geral do movimento trotskista, dentro e fora do SU. Na conjuntura da Nicarágua, o ex-CORQI alinhou-se à ex-FB na defesa dos princípios. Isso levou à constituição do Comitê Paritário e da Quarta Internacional (CI) depois. Hoje, a QI(CI) não existe mais, destruída pela adaptação revisionista da direção da OCI ao governo de Mitterrand e, em geral, ao aparato social-democrata francês.

A capitulação da direção da OCI a Mitterrand, junto com a LCR, é a maior traição da história do movimento trotskista. Igual ou pior que a traição de Pablo na Bolívia em 1952. Isso é assim porque na França o trotskismo já tem uma presença como corrente histórica na vida política do país. Não parte do zero, mas de partidos que reúnem vários milhares de militantes e uma ampla audiência de simpatizantes. A adaptação da OCI e da LCR ao governo de frente popular – adaptação essa que até agora nos causa repugnância devido os extremos de servilismo infame a que chegou – significa que deram as costas à oportunidade de construir na França um partido operário revolucionário com influência de massas. Esse partido só se pode construir desenvolvendo uma luta implacável contra o OS, o PCF e seu governo frente-populista, para assim atrair as correntes do movimento operário e popular que rompem, decepcionadas, com esses partidos traidores. Pelo contrário, Lambert e Mandel, e também Pablo, cumprem hoje o mesmo papel de lacaios “trotskistas” de Mitterrand.

Essa capitulação da OCI demonstra igualmente que a constituição da ex-QI(CI) foi um erro tático. Isso é assim porque a fusão se deu em base a uma caracterização falsa sobre a direção da OCI. Considerávamos essa direção principista e ortodoxa. Nos equivocamos totalmente.

Não vimos que Lambert vinha desenvolvendo uma nova variante revisionista, muito diferente da tradicional pablista-mandelista: a adaptação à

social-democracia no auge eleitoral nos últimos anos. Concretamente, a direção da OCI mantém as mais estreitas relações políticas e organizativas com a ala Mitterrand da social-democracia francesa e com a burocracia sindical de *Force Ouvrière*, confederação de sindicatos, agentes diretos do imperialismo, dirigidos pelo famoso fura-greves André Bergeron. Lambert é o tradutor para o “trotskismo” da política de Mitterrand e Bergeron.

Tanto os que vínhamos da ex-Fração Bolchevique como do ex-CORQI não duvidávamos do caráter principista da direção da OCI. Como nos equivocamos nessa caracterização, ao termos conseguido o acordo programático fundamental que significaram as Teses da QI(CI) – elaboradas em base a um projeto da FB – avançamos rapidamente para a formação de uma nova organização internacional, que explodiu poucos meses depois. Em síntese, podemos dizer que a QI(CI) foi um fenômeno altamente contraditório, mas muito progressivo. Foi uma fusão em torno a um programa no geral correto e principista, as Teses da QI(CI), que se propunha criar uma organização internacional centralista-democrática e que começou a avançar rapidamente em diversos terrenos. O desenvolvimento da revolução polonesa e principalmente a vitória de Mitterrand na França deixaram claro que essa fusão tinha elementos de frente sem princípios. Assim como a divisão do SU e o surgimento da união FB-CORQI no Comitê Paritário em 1979, ela foi um reflexo direto, nas fileiras do trotskismo, da vitória da revolução nicaragüense e da participação da FB nela, outros dois processos ascendentes da luta de classes que fizeram saltar rapidamente as contradições da formação da QI(CI), e abriram caminho para sua ruptura.

No entanto, esse não foi um erro estratégico, mas tático. Não foi a corrente revisionista da direção da OCI que saiu fortalecida dessa crise lamentável. Pelo contrário, como tendência internacional, ela ficou em frangalhos. Sua perspectiva é similar a de Healy, converter-se em uma seita nacional com alguns epifenômenos em outros países.

XVIII

Para sintetizar o balanço dessa longa marcha digamos que, para não nos confundir, para fazer uma apreciação materialista, temos que medi-la em relação a dois pontos de referência. O primeiro é a necessidade objetiva de uma direção revolucionária internacional. Estamos a anos-luz de suprir, nem mesmo em um grupo de países, essa necessidade cada vez mais aguda da luta de classes. Nisto devemos ser absolutamente claros, deixando a autopromoção para as seitas e correntes em crise, como a de Pierre Lambert.

Mas o segundo ponto de referência em relação ao qual devemos medir o saldo desta “longa marcha” não é menos importante, objetivo e material que o primeiro. Trata-se de ver se avançamos ou não em relação ao ponto de partida. E aqui temos de dar também uma resposta categórica: o avanço do trotskismo foi vasto e geral em todo o mundo, apesar de todos os erros cometidos e, sobretudo, apesar do pior dos seus “erros”, o revisionismo. No marco desse processo é também um fato verificável que a corrente mais

Parte IV

dinâmica dos últimos dez anos, a que mais se estendeu em diferentes países e a que mais cresceu numericamente foi a nossa corrente ortodoxa.

Hoje, depois da cisão do SU em 1979 e da crise da ex-QI(CI), chegamos a uma situação em que existem duas, e somente duas, correntes que se reivindicam do trotskismo com real implantação internacional: a revisionista do SU e a nossa. Afirmamos que tanto Healy como Lambert ficaram reduzidos à condição de seitas nacionais, com alguns satélites no exterior.

XIX

Para continuar a luta por uma direção revolucionária internacional, pela construção de uma IV Internacional com seções que cheguem a ter influência de massas, afirmamos que todos os partidos, grupos e dirigentes que tomamos uma posição de princípios diante do revisionismo do SU primeiro e o da OCI depois, devemos fundar imediatamente uma organização internacional democraticamente centralizada ou, dito de outra forma, estruturar imediatamente uma direção internacional que funcione com as normas do centralismo democrático.

Estamos plenamente convencidos, pela experiência desta longa marcha, que a opinião de Trotsky sobre a necessidade absoluta de uma direção internacional para que se possa avançar na construção de partidos revolucionários nacionais comprovou-se totalmente.

Afirmamos que nisto há uma dialética. As vitórias em escala nacional dão um impulso decisivo para o crescimento internacional. Por exemplo, o grande êxito da LCR no maio francês foi um fator decisivo para a grande expansão do trotskismo, especialmente na Espanha e outros países da Europa e América Latina. O salto dado pelo PST argentino durante a crise revolucionária de 1960-76 foi um fato decisivo para o desenvolvimento do trotskismo no Brasil, Colômbia e outros países. Da mesma maneira, uma grande vitória revolucionária em algum país, dirigida por um partido trotskista, atrairia em massa o movimento operário e revolucionário de todo o mundo. A IV começaria então a ser um partido mundial com influência de massas, como foi a III.

Mas nenhuma vitória nacional ocorreu nem ocorrerá para o trotskismo se não for em relação com uma direção internacional. O trotskismo conseguiu triunfar no maio francês graças à reunificação de 1963 e à direção do SU. Ao contrário, não foi casual que a seita nacional lambertista ficasse à margem da maior luta revolucionária do proletariado e do povo francês neste pós-guerra.

O salto do PST (A) em 1969-76 foi inconcebível sem suas relações internacionais, o Slato, a entrada na reunificação de 63 e posteriormente a TLT-FLT. Pelo contrário, que saibamos, todos os partidos ou correntes “trotskistas” nacionais que floresceram contemporaneamente na Argentina, alguns muito fortes, como o FIP, de Jorge Abelardo Ramos, degeneraram, sem exceção.

Da mesma maneira, sem a direção internacional de fato que significou a TLT-FLT primeiro e a TB-FB depois, afirmamos que, para citar apenas alguns poucos exemplos, não existiriam nem o PST colombiano, nem a CS do

Brasil, nem o PST espanhol, nem a totalidade do trotskismo centro-americano, nem o atual desenvolvimento nos EUA. Tampouco existiria hoje o PST (A) porque a existência da direção internacional, assim como o apoio do PST (C) foram fatores decisivos para resolver a crise dos últimos três anos.

Essa experiência foi positiva. No seu curso, cometemos os maiores erros, mas pudemos transpô-los e, apesar de tudo, avançar, porque tivemos direção internacional. A necessidade da direção internacional, de estruturar uma organização com centralismo democrático, tenderá a crescer no futuro, e não a diminuir. A situação objetiva, a falência e desprestígio vertiginoso dos aparatos, estão abrindo para o trotskismo oportunidades jamais vistas. Grandes correntes que rompem com os velhos aparatos e se radicalizam navegam objetivamente em direção ao porto do trotskismo. Essas grandes oportunidades levam igualmente aos maiores perigos. A tática da frente única revolucionária se voltará contra nós e acabará por liquidar todo partido nacional que não estiver firmemente ancorado numa organização internacional.

Por último, afirmamos que sem exceção alguma todas as experiências de federalismo ou de trotskismo nacional terminaram na lata de lixo da história. Queremos, como é nosso costume, chamar as coisas pelo seu nome: federalismo é sinônimo de dissolução. Federalismo hoje é deixar só o SU revisionista como única direção trotskista internacional. Isto significa pura e simplesmente a liquidação. Em nenhum lugar do mundo o trotskismo conheceu até agora um partido federalista que não tenha se degenerado. Para nós, os caminhos de Lambert e Healy não são casualidades. Não é tampouco casual que o SWP, federalista durante toda a vida, seja o partido do SU mais corrompido por Castro.

Em síntese, tanto a experiência desta longa, difícil e demorada marcha por construir uma direção internacional revolucionária como o atual panorama mundial da luta de classes, ratificam a necessidade de contar com uma organização internacional regida pelo centralismo democrático e com um programa trotskista principista.